

Atividade de Trabalho no Trabalho Associado e os Sujeitos da Comunicação¹

Vera Regina SCHMITZ²
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Resumo

Este texto tem como objetivo refletir sobre o lugar dos sujeitos da comunicação na atividade de trabalho associado, procurando perceber suas interações e valores balizadores da ação consigo e com o outro. Para tanto, aborda o aspectos do mundo do trabalho e o trabalho associado; a comunicação, destacando os sujeitos da comunicação; e a ergologia que reconhece o trabalho como atividade humana. Tem como objeto empírico de estudo o trabalho associado, experienciado por uma cooperativa de produção autogestionária. Para coleta de dados foram utilizados recursos metodológicos de pesquisa documental, observação direta e entrevistas semi-estruturadas e como técnica de análise, a análise de conteúdo. Evidenciaram-se, através das narrativas, as redes de comunicação criadas, as interpelações, os laços de confiabilidade, assim como os valores compartilhados pelos sujeitos da comunicação.

Palavras-chave: Atividade de trabalho; Trabalho associado; Comunicação; Interação.

1 Introdução

Este texto tem como objetivo refletir sobre o lugar dos sujeitos da comunicação na atividade de trabalho associado, procurando perceber suas interações e valores balizadores da ação consigo e com o outro no ambiente fabril. Parte da categoria trabalho, termo originado do latim *tripalium*. Sob olhar da ergologia, *érgon*, e é entendido como a gestão, segundo Schwartz, 2003 (apud Fígaro, 2010, p. 100) de “um conjunto de fatores presentes em um determinado momento e espaço, em benefício de um objetivo a construir”. Também compreendido como a transformação da matéria prima em objeto de cultura; a construção e transformação da realidade e, ao mesmo tempo, do próprio homem.

Parte-se, então, do conceito de trabalho como atividade do homem que transforma a natureza e por ela é transformado, com o intento de dar conta de suas necessidades, trabalho este que, de tempos em tempos, sofre grandes transformações históricas.

O final do século XX e início do século XXI foi um período de grandes mutações no mundo do trabalho, originadas a partir de restrições orçamentárias e de políticas neoliberais,

¹ Trabalho apresentado no GP Relações Públicas e Comunicação Organizacional, no XVI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação – FABICO, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. E-mail: vera.schmitz@ufrgs.br.

que elevaram as taxas de desemprego e levaram à precarização das relações de trabalho e de emprego. Estas mudanças repercutem na vida, no comportamento, nas relações sociais e econômicas do homem, culminando no surgimento de outras formas de organização do trabalho, de práticas e de vivências solidárias e cooperativas. Conforme Leite, Araújo, Lima (2015, p. 52),

E é nesse contexto social complexo que as experiências da Economia solidária aparecem no Brasil, quer como forma de geração de trabalho e renda no quadro de um mercado de trabalho profundamente desestruturado, quer como política empresarial de precarização do trabalho.

A economia solidária³ se apresenta como uma manifestação de grande capilaridade, espalhando-se pelo país, atingindo ao mesmo tempo diferentes regiões, tanto no campo como na cidade, assim como diferentes grupos populacionais, constituídos por homens, mulheres, jovem, idosos, aposentados, entre outros⁴.

Assim como o trabalho é atividade humana, a comunicação é constitutiva do ser humano, possibilitando ao homem partilhar e compartilhar opiniões, sentimentos e emoções. Ou seja, sujeitos em interação aqui destacados como sujeitos da comunicação⁵.

Comunicação é o processo que se realiza na/pela interação de sujeitos determinados, históricos e que se inter-relacionam a partir de um contexto, compartilhando sistemas de códigos culturais e, ao fazê-lo, atuam (agem), produzindo/renovando a sociedade (FÍGARO, 2010, p. 94).

O mundo do trabalho permite que se identifiquem diferenciadas estratégias comunicativas. Destaca-se o campo da ergologia para estudar estas dinâmicas e suas relações, pois considera a atividade humana como centro de sua abordagem. A ergologia dedica-se a perceber o que é singular no trabalho e, neste aspecto, requisita o homem por inteiro, concebendo atividade humana como debate de normas. Segundo Fígaro (2010, p. 100), o trabalho como atividade humana,

comporta a herança cultural e a história das técnicas, da experiência das gerações passadas e da experiência pessoal e permite ao homem uma transcendência criativa. O trabalho é criação, fruto da relação do homem com seu meio. É

³ Conjunto de atividades econômicas organizadas e realizadas por trabalhadores, balizada pelos princípios da autogestão, cooperação, solidariedade e ação econômica. Constituem-se sob a forma de grupos informais; associações; cooperativas; empresas recuperadas; redes de produção, comercialização e consumo; bancos comunitários; entre outros.

⁴ No Brasil, o Mapeamento Nacional da Economia Solidária, realizado pela SENAES – Secretaria Nacional de Economia Solidária, no ano de 2013, identificou 19.708 mil empreendimentos espalhados pelo país (ATLAS DIGITAL DA ECONOMIA SOLIDÁRIA, 2013).

⁵ Expressão que se refere à ação do homem na emissão/recepção das formas discursivas, de acordo com sua natureza enquanto ser social. Neste artigo, o entendimento do “sujeito da comunicação” vai além do lugar ou função que ocupa no processo comunicacional. É um sujeito interlocutor, enredado em uma teia de relações; afeta e é afetado pelo outro.

atividade. A atividade humana é particular e específica e caracteriza a capacidade humana de criar, planejar, aprender, memorizar.

Estuda-se, neste artigo, a Cooperativa de Produção Cristo Rei Ltda – COOPEREI⁶, considerada uma iniciativa de grande importância social, ao mesmo tempo complexa e contraditória. Esta cooperativa autogestionária foi criada em 15 de agosto de 2001, na cidade de São Leopoldo/RS, por decisão de quarenta e um (41) trabalhadores remanescentes da antiga indústria metalúrgica Carlos Augusto Meyer S/A - Alumínio Econômico, após a decretação de sua falência. Atualmente está com vinte e cinco (25) sócios e cinco (5) não sócios, que desenvolvem atividades de forma terceirizada, produzindo utensílios domésticos, principalmente panelas. Segundo depoimento de um associado, um dos “segredos” da cooperativa em manter-se funcionando após quinze anos, em relação a outras que nos últimos tempos entraram em processo falimentar, “*É a vontade do grupo e outra coisa, a honestidade das pessoas*”.

Esta pesquisa utilizou os pressupostos teórico-metodológicos da ergologia, que enfatiza que não se conhece a atividade humana industriosa a distância. Constituiu-se em uma pesquisa qualitativa, valendo-se do estudo de caso, e como técnicas de coleta a pesquisa documental, a observação direta, e entrevistas semi-estruturadas. Como procedimento de análise utilizou-se a análise de conteúdo, que permitiu uma adequada análise e interpretação das narrativas dos trabalhadores.

2 Mundo do Trabalho e o Trabalho Associado

A inserção no mundo do trabalho, mesmo que atualmente apresente um quadro multifacetado, com velhas ou novas características, assegura, a cada um, reconhecer-se como parte útil no mundo. É elemento básico na construção da identidade de cada um, mantendo-se, apesar da sua configuração e reconfiguração, da precariedade e precarização, centralidade na vida das pessoas, permitindo ao homem se produzir como ser social. Vai muito além da forma “emprego”, tal como essa se consolidou na sociedade capitalista. Destaca-se, segundo Fígaro (2010, p. 104), o entendimento de mundo do trabalho:

⁶ Cooperativas de produção dedicam-se à produção de um ou mais tipos de bens e mercadorias. Os meios de produção são coletivos e não individuais. Nestas cooperativas os sócios possuem a mesma parcela do capital e o mesmo direito de voto em todas as decisões.

Conjunto que engloba e coloca em relação a atividade humana de trabalho, do meio ambiente no qual ela se dá, as prescrições e as normas (saberes constituídos) reguladoras de tais relações, a experiência (saber investido), os produtos delas advindos, os discursos intercambiados nesse processo, as técnicas e as tecnologias que facilitam a atividade humana de trabalho e lhe dão base para que se desenvolva, as culturas, as identidades, as subjetividades (corpo-si) e as relações de comunicação constituídas nesse processo dialético de atividade.

Percebe-se que a categoria trabalho tem diferentes e concomitantes interfaces: família, comunidade, entidades de classe, associações, ou seja, espaços de vida onde há a presença do homem. Neste sentido, o trabalho é reconfigurado no dia a dia, pois a história pessoal, a herança biológica, o caráter e as origens socioculturais, ou seja, as convivências, a história particular de cada um deixa sua marca, fazendo com que a atividade de trabalho desenvolvida seja sempre singular e nunca a mesma de um dia para outro.

Karel Kosík, na sua obra *A dialética do concreto*, resgata o sentido ontológico do trabalho, tema importante para se entender e permear a discussão sobre o lugar do trabalho no século XXI.

O trabalho, na sua essência e generalidade, não é atividade laborativa ou emprego que o homem desempenha e que, de retorno, exerce uma influência sobre a sua psique, o seu *habitus* e o seu pensamento, isto é, sobre esferas parciais do ser humano. O trabalho é um *processo* que permeia todo o ser do homem e constitui a sua especificidade. Só o pensamento que revelou que no trabalho algo de essencial acontece para o homem e o seu ser, que descobriu a *íntima, necessária* conexão entre os problemas “o que é o trabalho” e “quem é o homem”, pode também iniciar a investigação científica do trabalho em *todas* as suas formas e manifestações [...] e bem assim a investigação da realidade humana em todas as suas formas e manifestações (1995, p. 199).

Para Kosík (1995), na ação ou processo de trabalho, alguma coisa ocorre ao homem e ao seu ser, assim como ao mundo do homem. Nesta percepção, o trabalho pode ser explicado como realidade específica, que compenetra, de modo constitutivo, todo o ser do homem. Também, para este autor, a liberdade é pressuposto do trabalho e não se revela ao homem como forma autônoma e independente. Isso quer dizer que os campos que formam o agir humano são dependentes e convergentes. “Nessa distinção fica oculta uma ulterior característica essencial da especificidade do trabalho como um agir humano que não abandona a esfera da necessidade, mas *ao mesmo tempo a supera e cria nela* os reais pressupostos da *liberdade humana*” (KOSÍK, 1995, p. 207).

Assim, o trabalho não é somente uma ação objetiva e exterior ao homem, que somente transforma o seu entorno; ao contrário, ele é objetivo e subjetivo ao mesmo tempo. Estas percepções levam a uma perspectiva que busca um trabalho humano, que supere o

trabalho visto somente como necessidade, mas um trabalho transformador, criativo, com trocas e conhecimentos socialmente construídos.

Então, busca-se no trabalho associado outra qualidade, que pode ser um devir e uma oportunidade emancipatória, ou seja, mudanças na relação do trabalhador com o próprio trabalho e na relação com o outro trabalhador, a participação nas decisões, o estímulo para o desenvolvimento, a melhora e a superação das próprias atividades do dia a dia, como um exercício de autonomia no trabalho, que podem refletir em liberdade e “ser” cooperativo. De acordo com Bocayuva (2007, p. 144), “As iniciativas autogestionárias e o cooperativismo popular acompanham os processos de construção de novos direitos e políticas de inserção social pelas vias da renda, da educação e de novas políticas de trabalho social e local”.

A economia solidária recupera contextos e vivências associativas já existentes no século XX, possibilitando a emancipação das cadeias do assalariamento e da submissão. É reconhecida, também, como uma nova forma de organização da sociedade. Esta expansão de núcleos e redes de economia solidária, desenvolvidas em diferentes partes do mundo, anuncia a possibilidade de se experimentar, mesmo num “trançado” de contradições, presságios de elementos de trabalho emancipado e prática de vivências solidárias e cooperativas.

Vale pensar que muitas experiências, embora localizadas e pudessem ter dificuldades, que muito dificilmente poderiam apontar para um projeto de transformação mais radical da sociedade vêm encontrando possibilidades de inserção social que lhes têm permitido garantir a sobrevivência, recuperando a dignidade e a auto-estima ... mesmo que essas experiências não tragam consigo a capacidade de uma grande transformação social, elas certamente são portadoras de formas de convivência e de sociabilidade que se distanciam dos padrões dominantes das sociedades capitalistas nas quais se inserem (LEITE, ARAÚJO, LIMA, 2015, p. 21).

De certa forma, ao longo de muitas gerações, a construção da economia solidária tem sido uma das principais formas de luta contra o capitalismo, com a ação de indivíduos, sindicatos, da sociedade civil organizada, partidos, que defendem direitos políticos e sociais.

3 Ergologia e os Sujeitos da Comunicação

É que cada um sabe o que tem que fazer, entendeu? Eu sei que tenho que vazar, tem que desligar o forno e ligar lá para esquentar, o outro sabe que tem que queimar e o outro sabe que tem que tocar a manivela e levantar, os outros dois sabem que tem que passar a máquina, lá na laminação. Então a gente sabe,

cada um sabe o que tem que fazer. Aí que tá a comunicação. Se tu souber o que tem que fazer, um se comunicando com o outro, vai, agora se um não se dá com dois três não tem como tu trabalhar ali, os caras não vão aceitar a tua opinião, nem nada.

Os dizeres acima, que são parte do depoimento de um trabalhador da COOPEREI, reflete o quanto a atividade de trabalho solicita a afluência de todas as capacidades do trabalhador, envolvendo desde o esforço físico, o cognitivo, o efetivo e o afetivo. Ou seja, é o trabalhador em sua totalidade que desenvolve a atividade e não somente o trabalhador enquanto força física, capacidade intelectual ou emocional. Segundo Dal Rosso (2015, p. 21), “Além do envolvimento pessoal, o trabalhador faz uso de relações estabelecidas com outros sujeitos trabalhadores sem às quais o trabalho se tornaria inviável”.

A ergologia estuda o trabalho em sua microdimensão, a partir da distância⁷ entre o trabalho prescrito e o trabalho realizado. Indica que entre as normas precedentes e a renormalização acontece um debate, tornando a atividade o lugar de uma dialética, na qual estão presentes todas as normas apreendidas no horizonte histórico-social dos sujeitos do trabalho. Assim, é nestas brechas das normas, nas negociações que ali ocorrem, que resulta a reconfiguração do meio.

Ainda, no sentido ergológico, trabalhar é todo o tempo estar junto. É gerir o uso de si por si mesmo e de si pelo outro. E, segundo Fígaro (2010), neste “gerir” criam-se redes de comunicação, estabelecem-se laços de confiabilidade, constroem-se valores.

Para esta pesquisa, interessa perscrutar os sujeitos desta comunicação, que se relacionam na atividade de trabalho associado. Ainda, considerando Fígaro (2010, p. 101),

Se trabalhar é sempre trabalhar com o outro e comunicar é relação, troca, reelaboração, podemos afirmar que ambos, comunicação e trabalho, atuam na construção de conjuntos de valores que se renovam ou se cristalizam a cada escolha feita, a cada decisão do uso de si por si mesmo.

A comunicação pressupõe participação; é situação de troca social. Aborda-se comunicação não como um processo simétrico, mas sim, como um sistema interacional que se dá pelo compartilhamento. Enfatiza-se que não há comunicação sem interatividade. Assim, não só afetamos o outro, mas somos também afetados, intervindo na situação social dos sujeitos envolvidos. Nesta situação de comunicação, há de se considerar os fatores macrosociais que constituem este ínterim, componentes históricos, cultura, relações socioeconômicas, entre outros. Segundo Chanlat (2015, p. 37),

⁷ Está distância é entendida como um espaço indeterminado de ação humana que acontece entre o trabalho prescrito e o trabalho real.

Toda interação, qualquer que seja, supõe por definição um modo de comunicação, isto é, um conjunto de disposições verbais e não verbais que se encarregam de exprimir, traduzir, registrar, em uma palavra, de dizer o que uns querem comunicar aos outros durante uma relação.

Destaca-se o autor G. H. Mead como um teórico da interação. Para este, (apud França, 2006, p. 77), “indivíduos e sociedade se constituem juntos e no mesmo movimento, que são as ações reciprocamente referenciadas, ou interações”. Destaca que as interações estão baseadas em gestos significantes e na retroatividade entre estímulos e reações. Para Mead (apud França, 2006, p. 78), “A interação, portanto, é uma ação reciprocamente referenciada entre sujeitos dotados de linguagem e de uma inteligência reflexiva; é um processo móvel, baseado em escolhas e ajustamentos”.

Os autores Braga, Calazans (2001, p. 25) destacam as interações face a face, “construídas em tempo real das trocas, na dependência sucessiva das reações e respostas entre interlocutores”. Este tipo de comunicação, simétrica, viabilizada devido à troca de saberes e de experiências em comum, de tensões e cumplicidade. Ainda, segundo os mesmos autores (p. 25), “Esta construção, embora dependendo largamente de bases prévias trazidas para a troca pelos interlocutores, não está pronta ao ser iniciada: existe e se constrói na interação”. São sujeitos que falam um com o outro e são construídos nos elos e pelos elos discursivos que os entrelaçam.

Como já enfatizado, participa desta interação o sujeito da comunicação, ou seja, o sujeito social que não deixa de ser alguém que produz discursos ou é receptor de mensagens. No entanto, segundo França (2006, p. 77), “... ser sujeito da comunicação ou em comunicação significa algo mais específico, e nomeia um sujeito enredado numa teia de relações. São as relações que constituem esse sujeito – a relação com o outro, a relação com a linguagem e o simbólico”. Mais do que isto, os sujeitos da comunicação são sujeitos de várias práticas, ou seja, os indivíduos participam, ao mesmo tempo, de vários e diferentes contextos institucionais. No trabalho associado, os sentidos produzidos pelas relações e diálogos estabelecidos são desenhados a partir de fatores políticos, culturais, sociais e econômicos e produzidos mediante intercâmbios com instâncias internas e externas, anteriores e posteriores.

A cooperação entre os trabalhadores, considerada um dos princípios que norteiam a economia solidária, decorre de uma comunicação mais ou menos codificada, passa por falas, gestos, mímicas, olhares, emoções, que se origina das relações que são tecidas espontaneamente nos espaços de trabalho, assim, não respeitando espaço físico e nem se

restringindo a fala prescrita pela organização. “Ao mesmo tempo locutor, ouvinte e interlocutor, todo indivíduo exprime no quadro da interação ao mesmo tempo o que ele é, o que faz, o que pensa, o que sabe, o que deseja, o que gosta, assim agindo, ele se coloca cada vez mais como pessoa” (CHANLAT, 2015, p. 37).

A partir destas breves ponderações a respeito da atividade de trabalho e sobre o lugar e o papel dos sujeitos da comunicação no trabalho associado, desafia-se a analisar a produção de sentido que se origina das interlocuções que ocorrem na COOPEREI e que suscitam intervenções e acolhem o devir, colocando em destaque os espaços interacionais protagonizados pelos associados da cooperativa.

4 Narrativas dos Sujeitos da Comunicação da COOPEREI

A seguir, são destacadas alguns excertos originados das entrevistas realizadas com trabalhadores metalúrgicos associados à COOPEREI, e que remetem a reflexão sobre os espaços de interação e de conversações presentes no ambiente fabril. Muitos destes trabalhadores presenciaram a decretação da falência da indústria Carlos Augusto Mayer S/A e participaram da fundação da Cooperativa. Portanto, são informantes qualificados, testemunhas vivas desta história.

As narrativas apresentadas são consideradas parte do processo comunicativo. Para FRANÇA (2006, p. 61) são “práticas ordenadoras de sentido, intervenções concretas, em contextos específicos, desenvolvidas por sujeitos”. Estas podem trazer, através dos textos apresentados, algumas marcas que demonstrem posicionamentos, atuação, formas de produção e de relacionamentos entre os trabalhadores, sujeitos em comunicação no locus do trabalho.

Segundo Faitá (2005, p. 18), entre os interlocutores cotidianos se estabelece um “contrato linguageiro implícito que não encontra sua origem nem na identidade de sujeitos psicológicos nem na identidade de classe, mas na comunidade de trabalho ou de atividade”. Neste caso, há necessidade de se apreciar os “discursos” mesmo que eles não tenham sido pronunciados; apreciar o emaranhado de relações referidas também ao não-dito.

A seguir, alguns excertos das entrevistas em que os trabalhadores falam sobre comunicação.

Eu só acho que a comunicação é estar a par das coisas, é a transparência, e a transparência gera confiança.

Eu acho que comunicação para mim é um meio de tu levar ao conhecimento um determinado assunto que ta dentro do teu dia a dia. O que tu colhe é uma comunicação, tu vai expandir aquela notícia...

É um meio de expressar algo que tu sente ao ver ou que tu precisa no teu meio de trabalho, no teu dia a dia.

Diálogo entre os colegas dentro da cooperativa, se comunicar um com o outro, os deveres, o que é que tem que fazer, o dia a dia.

Se tu entrar aqui e não conversar com ninguém, não é comunicação, tem que ter um diálogo. Daí passa as horas, passa o dia e tu nem vê.

A partir de algumas falas, percebe-se o quanto a comunicação pode estar entrelaçada com o trabalho, ou seja, a comunicação como atividade de trabalho. Conforme já abordado, sujeitos da comunicação são sujeitos em ação e identifica-se, a partir da experiência no trabalho traduzida em linguagem, a importância das relações para o bem viver, assim como o pressuposto da alteridade no âmbito do trabalho associado.

Este é o nosso tipo de comunicação que nós temos mais aqui dentro, às vezes na hora do serviço, na hora do almoço a gente se reúne aqui e conversa alguma coisa sobre o serviço, sobre a cooperativa, que, queira ou não queira ela andou meia balançando, nós estamos conseguindo, a gente tá conseguindo, nós temos conseguindo se levantar, né, talvez, amanhã ou depois melhora um pouco mais.

Eu entendo que é saber se relacionar bem com as pessoas. Tu vai perguntar alguma coisa para uma pessoa a pessoa tem que falar bem com a gente. Se relacionar bem assim com as pessoas, ser comunicativa, conversar com as pessoas. Conversando a gente se entende.

Comunicação é se comunicar com os colegas, conversar, ver como é que está o trabalho, como não está, como é que está andando, se o serviço está bom ou está ruim, o que é que dá para fazer, se precisa de ajuda, o que precisa para render mais, o que é que não precisa.

Tipo se eu não tiver comunicação com alguém, num lado eu não vou pedir ajuda e também não vou poder ajudar porque eu não tenho comunicação com ele.

Segundo Fígaro (2010, p. 100), “O outro está presente seja como parceiro de trabalho, seja representado pelas normas e prescrições da hierarquia, seja pelo conhecimento técnico e tecnológico acumulado ou pela experiência registrada na linguagem”. Na narrativa abaixo, nota-se o quanto “o outro” está presente na configuração da execução de uma tarefa.

Por exemplo, tu nunca viste a fundição trabalhar. Ali trabalham seis pessoas. Um ensina o outro. Ali eles sabem até pelo olhar como é que tu está fazendo, tu tá laminando uma chapa errada, está mais fina ou mais grossa, ou o maçarico tá muito alto. Vai pela experiência que o pessoal tem em trabalhar ali.

O trabalhador, no seu fazer, produz outras formas de interação, que podem ser percebidas na atividade de trabalho, na harmonia da cadeia de produção, ou originadas da necessidade administrativa de manter a organização. São lugares que permitem uma dinâmica comunicacional espontânea, compartilhada. Simultâneo a isto, abaixo registram-se alguns excertos que mostram que, além da comunicação como algo inerente a atividade de trabalho, há a comunicação da COOPEREI, ou seja, o espaço de fala da Cooperativa.

Você tem poucas reuniões. Às vezes tem coisas que deviam passar para todo o mundo e não é passado. ... Não é só na hora que a coisa, o bicho pega que aí coloca, esparrama: olha, aqui estão os problemas para nós resolver. Aí é ruim, né.

É, acontecem aqui algumas reuniões, o inventário anual, que faz até 31 de março, tem comunicação, assim, no papel, no quadro. Coloca na portaria, no refeitório. Mas eu digo que são poucas, tem que ser mais.

A verdade, quando chega para a reunião os assuntos principais já todo mundo sabendo, um vaza para o outro, então forma o leque rápido, a gente já tá sabendo mais ou menos o que vai se tratar.

A tomada de decisões, as partilhas, o encaminhamento de atividades no interior de um grupo ou mesmo de um serviço necessitam um mínimo de trocas verbais e não verbais, formais ou informais. Além de dar conta das relações internas, atendendo as necessidades técnicas, econômicas ou organizacionais, os espaços de interação moldam e mantêm a sociabilidade e edificam a ordem organizacional.

Institucionalmente, uma cooperativa deve criar lugares de trocas que permitam aos trabalhadores interferirem na sua condução. Na COOPEREI, conforme relatos, são poucos os momentos e instrumentos de uma comunicação formalizada e organizada. Salientam-se as assembleias, tanto ordinárias como extraordinárias, reuniões, momentos de integração e de confraternização, que ocorrem no final do ano e no aniversário da cooperativa, mural. É apontada, pelos entrevistados, a comunicação informal.

Às vezes é muito bom isso aí. É bom. Porque todo mundo fica sabendo logo. Aqui tu não tem como esconder nada. Porque é uma coisa aberta. Por exemplo, se tu chegar aqui falar, falar, falar... ah, “porque que eu tenho que está ouvindo isso aí se eu já sei”. A cooperativa não tá em situação boa, “eu sei, eu tô vendo”. O pessoal entende, se tu tá vendendo bastante, tem pedido bastante, se tu não tá vendendo bastante, é porque não tem pedido, o pessoal imagina, o pessoal entende logo isso aí. É óbvio.

Tipo semana passada nós trabalhamos até quinta, nós fomos saber que nós ia trabalhar até quinta na quinta mesmo. E tinha gente que já tava sabendo desde terça. E os outros, o resto ficou sabendo na quinta mesmo. É um comunicado errado. É uma informação errada, limitada. Se fosse uma informação mesmo botava no mural.

Complementando esta abordagem, destaca-se que o trabalho é atravessado pela história e o trabalhador faz a história. A partir disto, desta vida particularizada, introduz, no seu dia a dia, possibilidades de escolhas. Segundo Chanlat (2015, p. 29), “todo discurso, toda palavra pronunciada ou todo documento escrito se insere em maior ou menos grau na esfera do agir, do fazer, do pensar e do sentimento”.

Eu penso assim que, a primeira coisa numa sociedade, associação, e coisa assim, a partir de um momento que uma coisa que não é só minha, tem que ter transparência, se não tiver transparência... a transparência gera confiança.

As empresas recuperadas, que deram origem às cooperativas autogestionárias, a maioria delas consideradas cooperativas de produção, surgem como alternativa capaz de suprir o indivíduo de sua necessidade de trabalho, como gerador de renda e como fonte de uma vida digna. Segundo Dal Rosso (2015, p. 22),

Os estudos de economia solidária, por exemplo, mostraram que, quando grupos de trabalhadores assumem uma empresa em estado de falência, seu trabalho pode frequentemente ser bem mais intenso do que fora em tempos anteriores, de modo que a firma se mantenha em operação. Verifica-se um maior desgaste físico, intelectual e psíquico, sem que isso corresponda a uma maior ou melhor resultado do trabalho.

A convivência e interação com identidades diferentes coloca em jogo modos de comunicação, ritos de interação. Os associados da COOPEREI, assim como de muitas outras cooperativas que surgem de fábricas falidas, carregam a cultura da empresa anterior e encontram dificuldades para viver a experiência cooperativa, considerando seus princípios e valores.

É que antes tinha os patrões, agora todo mundo é dono.

Porque aqui a gente tem várias divergências entre pessoas, um abraça mais o cooperativismo, outro se dedica mais para a cooperativa, outro já vê o cooperativismo não como uma maneira, mas ele tá quase, assim, como uma necessidade, ele precisa daquele trabalho.

Geralmente, principalmente quando a pessoa entra a gente conversa com eles, explica o que é uma cooperativa, quais os deveres que ele tem, quais os direitos que ele tem. Então, às vezes acontece que a pessoa, naquela ambição, naquela necessidade que ele tem de arrumar um emprego ele pega e aceita perfeitamente o que é uma cooperativa. Mas, o que acontece, às vezes, aqui, a pessoa chega um ponto que ela já vê que isso aqui, “ahhh, isso aqui já não me serve como cooperativa”. E o que acontece: pega e vai embora.

Eu acho que um grupo que é honesto ele, eu acho que ele tem como crescer. Agora eu me preocupo muito com a COOPEREI quando o pessoal antigo, quando eles começarem a sair. Vai ser muito difícil para as pessoas. Já houve umas experiências aqui que se não fosse esses antigos a coisa tinha ido para o brejo.

Salienta-se que os empreendimentos econômicos solidários são considerados como alternativas de inserção social, experiências importantes de resistência ao desemprego, e como uma nova forma de sociabilidade, constituindo uma identidade coletiva. A COOPEREI nasce, como tantas outras cooperativas de trabalhadores que assumem a massa falida e que emergem na década de 1990, como “estratégia de sobrevivência”, permitindo a manutenção e a criação de postos de trabalho e a garantia de renda.

Considerando aspectos da ergologia, reconhece-se que o ser humano necessita de normas chamadas antecedentes, mas que, mesmo instauradas, permitem desenvolver uma atividade singular, uma releitura e conseqüente renormalização, em função de inúmeras variabilidades pertinentes a cada situação. Encontra as lacunas das normas e com as quais vai e deve permanentemente interpretar e reinterpretar estas normas que lhe são propostas/impostas/negociadas. Este sujeito, ao lidar com esta variabilidade, se engaja por inteiro, com seu corpo biológico, sua inteligência, suas histórias de vida, e tenta configurar o meio, transgredindo certas normas, e delas se apropriando.

Porque não dá para esconder, não tem como esconder as coisas. São sócios, eles também tem de participar. Se acontecer alguma coisa vai acontecer para todos, não é só para um.

A maioria das pessoas já sabe o que faz, quando tu faz aquele serviço, tu faz todo o dia, tu nem precisa perguntar nada para ninguém, só larga o serviço aí e sai fazendo, não precisa ta conversando. Sabe que nas empresas se tu ficar conversando, só na hora do café ou do almoço. Se ficar conversando fora de hora vem o encarregado e já dá uma chamada.

Ainda, o trabalhador, no seu espaço de trabalho, na sua criatividade, consegue ludibriar o que pode chamar de sofrimento no trabalho, ou trabalho extenuado, perigoso, e, com o outro, tentar deixar mais leve o seu dia a dia. As narrativas abaixo mostram alguns “escapes” utilizados pelo trabalhador.

Nunca nós vamos dizer que não tem outra conversa. Sempre vai ter, né, para distrair. Mas a gente conversa sobre o trabalho, também. Com certeza sempre vai ter outra conversa. Também no teu serviço às vezes tu vai falar de outra coisa, vai puxar outro assunto, um pouquinho, para se livrar ali um pouquinho, sabe. Sempre tem uma coisa a mais.

A gente conversa, a gente ri, a gente brinca. Tem dias que ninguém fala nada, depende do humor das pessoas... tem dias que é uma festa, tem dias que ninguém conversa (no Setor).

Ali a gente conversa, um se arria no outro, um fazendo frescura com o outro, mas assim de assunto, não. Só conversamos quando vai sair o pagamento, como é que vai ser.

Como já abordado, o processo comunicativo é interação, considerando tudo o que dele faz parte. Assim, é importante apreciar as marcas nos textos que vão além da natureza social do sujeito, a partir do que move os sujeitos para a produção de sentido, afetando e sendo afetado pelo outro. Portanto, analisar a interação é aceitar a comunicação como lugar de força, de intervenção, como lugar do imprevisível.

Considerações Finais

Discorreu-se, nas abordagens acima, sobre o mundo do trabalho e a atividade de trabalho associado, considerando esta atividade como algo sempre em movimento, como processo em constante desenvolvimento. Trouxe a ergologia, que situa de maneira complexa o conceito de trabalho porque o remete à atividade humana. Também trouxe um olhar sobre a comunicação como processo e, nesta abordagem, os sujeitos da comunicação. Destaca-se a impossibilidade de desvincular a comunicação da atividade humana seja qual for sua especificidade ou dimensão da comunicação envolvida.

A partir das narrativas apresentadas, notaram-se as dificuldades que ocorrem em uma cooperativa autogestionária que, culturalmente, os trabalhadores ainda conservam algumas dinâmicas do trabalho anterior, heterogestionário; a comunicação, enquanto fala da empresa, ainda a ser apropriada e/ou melhorada nas suas iniciativas. O modelo e princípios da organização cooperativa solicitam a participação e o envolvimento dos associados na tomada de decisões de como tocar o negócio, dividir o trabalho e repartir os resultados. A transparência e espaços de diálogo são de suma importância e podem ser conquistados, entre outras maneiras, com estratégias de educação para a cooperação.

Importante colocar que, para dar conta das narrativas dos trabalhadores na atividade de trabalho, a preocupação deve ser com os sentidos produzidos. Nestes, identificam-se os tropeços, as fraturas, o não-dito. Portanto, não há uma lógica estabelecida nestas leituras, uma matemática, mas sim, experiências a serem traduzidas, dizeres de sujeitos da comunicação com percursos sócio-históricos e que constroem seus espaços de trabalho com criatividade. No trabalho, há espaço para negociação, há espaço para os trabalhadores nas brechas das normas, fazer uso de seus valores, de sua ética, de suas intencionalidades e assim viver melhor o trabalho, aqui notadamente considerado atividade humana por excelência.

Referências

- ATLAS DIGITAL DA ECONOMIA SOLIDÁRIA. Sistema Nacional de Informações em Economia Solidária - SIES. Disponível em: <<http://atlas.sies.org.br/?q=are14&l=0&g=ufs>>. Acesso em: 27 jun. 2016.
- BOCAYUVA, Pedro Cláudio Cunha. **As metamorfoses do trabalho e da cooperação produtiva: a economia popular e solidária na perspectiva da nova centralidade do trabalho**. Rio de Janeiro: FASE, 2007. 182 p.
- CHANLAT, J. F. Por uma antropologia da condição humana nas organizações. In: _____. (Coord.). **O indivíduo na organização**. Dimensões esquecidas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2015. p. 21-45.
- BRAGA, J. L.; CALAZANS, R. **Comunicação e educação: questões delicadas na interface**. São Paulo: Hacker, 2001. 164 p.
- DAL ROSSO, Sadi. **Mais trabalho!** A intensificação do labor na sociedade contemporânea. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2015. 206 p.
- FAÏTA, Daniel. Falar do trabalho, trabalhar a fala. In: FAÏTA, Daniel. **Análise dialógica da atividade profissional**. Rio de Janeiro: Imprinta Express, 2005. p. 15-53.
- FÍGARO, Roseli. Relações de comunicação no mundo do trabalho e a comunicação das organizações. In: KUNSCH, Margarida Maria Krohling (Org.). **A comunicação como fator de humanizações das organizações**. São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora, 2010. (Série Pensamento e Prática, v. 3). p. 92-109.
- FRANÇA, Vera (2006). Sujeito da comunicação, sujeitos em comunicação. GUIMARAES, César, FRANÇA, Vera (orgs.). **Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. 108 p. p. 61-87.
- FRANÇA, vera V. Interações comunicativas: a matriz conceitual de G. H. Mead. In: PRIMO, Alex, OLEIVEIRA, Ana Claudia, NASCIMENTO, Geraldo Carlos do, RONSINI, Veneza Mayora (Orgs.). **Comunicação e interações**. Porto Alegre: Sulina, 2008. 264 p. p. 71-91. (Livro da Compós 2008).
- KOSÍK, Karel. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. 248 p.
- LEITE, M. P.; ARAÚJO, A. M. C.; LIMA, J. C. **O trabalho na economia solidária: entre a precariedade e a emancipação**. São Paulo: Annablume, 2015. 401 p.
- SCHMITZ, V. R. **Microgestão e produção de saberes: desafios para a autogestão em iniciativas de trabalho associado**. Um estudo da Cooperativa de Produção Cristo Rei Ltda. – COOPEREI. 2009. 226 f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2009.
- SCHWARTZ, Yves. Trabalho e saber. **Revista Trabalho & Educação**, v. 12, n. 1, p. 21-34, jan./jun. 2003.